

AVANÇADA

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)

Mais uma prova de Traição

Mais de metade da produção mundial de cortiça é portuguesa. É uma das maiores riquezas nacionais, dizem, que podia manter centenas de milhares de operários, que podia ocupar uma grande parte da população laboriosa de Portugal. Contudo os poucos operários da indústria corticeira ganham salários de fome, e o povo do desemprego também os aperta nos seus tentáculos assassinos.

É uma indústria rudimentar, visto os industriais não a querem trabalhar convenientemente, preferindo exportá-la meio trabalhada, para a termos de importar depois de aplicada as milhares de funções industriais. É outro que corre para outros países, em prejuízo da economia nacional, que assim fica prejudicada. Mas essas «patriotas» de cartaz, apregoam patriotismo nos jornais e discursos e não fazem outra coisa do que traír a pátria.

Mas, apesar de rudimentar, é uma indústria que está ameaçada de desaparecer completamente.

A política de tração nacional—e poucas vezes ela tem sido tão clara—que Salazar segue nas suas relações com o traidor Franco, levou-o a prejudicar o país nas receitas alfandegárias, por que as alfândegas foram abolidas para o comércio com os fascistas espanhóis. Negocia-se entre Portugal e a Espanha fascista como entre dois distritos ou províncias de Portugal. É como se Portugal fosse já uma provincia de Espanha.

Ora a Espanha é, também, uma grande produtora de cortiça, e como os generais fasciosos precisam de dinheiro, vendem-na mais barata. Os capitalistas portugueses vão lá comprá-la, para a exportar como portuguesa, para os mercados estrangeiros, que só compravam a nossa. O resultado é que perdemos todos os mercados, e desprestigiamos-nos internacionalmente, por que o governo fascista de Salazar, que não consentia na exportação em bruto de cortiça nacional, consente-a para a espanhola.

Resultado: De momento faltam mercados para a cortiça nacional, fabricada; as fábricas começaram por reduzir o número de dias de trabalho para os operários, outras começaram-nos a despedir e outras já estão fechadas, e todas ameaçadas de fechar. De futuro faltarão mercados para a indústria nacional, motivado pelo desprestígio que acarreta a exportação em bruto.

Os depósitos de exportadores estão cheios de milhões e milhões de quilos de cortiça espanhola.

Continua na 4.ª página

Antes contra a ofensiva do fascismo!

A ofensiva geral do fascismo contra o povo português, adquire de dia para dia, um furor e uma violência cada vez maiores.

O custo da vida sobe numa forma pavorosa. Segunda o último número do Boletim da Direcção Geral de Estatística, o índice do custo da vida era—em 15 de Outubro último—para todo o país, de 2.557, sobre 1.982 em 1935 (ano anterior à guerra de Espanha). Isto é, um aumento de mais de 29%.

Mas de Outubro até agora, mais, ainda, se acentuou a alta. A carne de vaca aumentou 1.800, em quilo, os ovos, estão a 8850, quando em Outubro custavam 5800 e em Setembro 4800.

O azeite, apesar da farta colheita deste ano, vai subir para dar saída ao óleo demendob, do Alfredo da Silva. O feijão—dizem os merceiros—vai também subir.

Os legumes estão caríssimos. Os jornais já aumentaram. O pão tornou-se intragável.

A população laboriosa, ao mesmo tempo que é asfixiada pela enorme carestia da vida, é sobrecarregada, ainda, com novos encargos impostos pelo fascismo.

O sr. Governador Civil resolve armar-se em caridoso, fazendo demagogia à nossa custa, e o povo tem de contribuir. Para exercer uma maior pressão o sr. Governador manda um políciasfardado a cada casa para receber o dinheiro. A Legião Negra, para roubar a população, procede do mesmo modo. Envia representantes seus, junto dos leijistas, médicos, advogados, etc., para pedir-lhes dinheiro. Quem não quiser ficar no «Livro Negro» dos inimigos do regime, é obrigado a contribuir e com importância grossa.

Agora, surgiu um novo processo de nos roubar, obrigando à aquisição dos caixotes de lixo, de ferro—para fazer ganhar algumas centenas de contos de reis às empresas que os fabricam.

Como se tudo isto fosse pouco, o governo pensa em aumentar as contribuições—o que irá reflectir-se imediatamente na carestia da vida.

Quanto aos salários é o que se sabe—uma miséria. Os salários dos camponeses atingem, nalgumas regiões, 5850 para os homens e 2850 para as mulheres a secol. Mas por toda a parte há muita gente sem trabalho.

Os últimos temporais deixaram na mais dolorosa miséria centenas de lares, mas o fascismo não presta a isso a menor atenção.

O dinheiro que consegue arranjar pelas subscrições e festas envia-o antes para os rebeldes espanhóis.

No terreno político, a actividade do fascismo é levada a efeito com não menos intensidade.

O fascismo recorre já, sem escrúpulo denenhuma ordem, aos processos mais extremos.

As torturas inquisitoriais e os assassinatos estão na ordem do dia. No dia 24 de Setembro—como não nos cansaremos de repetir—foi assassinado no antro da Informação, o jovem operário de 23 anos Augusto de Almeida Martins. Mataram-no por ser um homem na mais alta acepção desta palavra, por se recusar a ser um delator.

No Tarrafal, foram há pouco igualmente assassinados 7 presos:

- Pedro Mateo Felipe—de Almada;**
- Franco Dias Quintas—de Vila Nova de Gaia;**
- José Pereira e Rafael Tobias Pinto—de Lisboa;**
- Augusto Costa—da Marinha Grande;**
- Oândido Alves Bastelho—de Castro Verde;**
- Abilio Augusto Balchior—do Porto.**

Os restantes 150 presos que se encontram no Tarrafal estão na eminência de sofrerem a mesma sorte, sem que o governo tome a mais pequena providência.

Muitos outros crimes têm sido cometidos e muitos estão na forja. As ordens da policia de informação, está incunicável, há cerca de 5 meses, Helena Vieira Faria.

O professor de liceu, Dr. Alberto de Araujo, prêsso há cerca dum mês—apesar de ser tuberculoso—tem sido submetido às mais ferozes torturas.

E como se tudo isto não bastasse, o fascismo quer introduzir a Pena de Morte para assassinar mais desembaraçadamente.

Esta situação é, sem demasia, insuportável. É preciso pôr-lhe um fim e quanto antes.

Para isso é indispensável que todo o povo, unido como um só homem, se manifeste imediatamente contra a ofensiva do capital, contra a carestia da vida, contra os assassinatos da Policia, contra a pena de morte, contra a venda de Portugal à Alemanha, contra a intervenção em Espanha, contra a guerra e contra o fascismo Portugueses:

Unamo-nos e lutemos, e o triunfo será nosso.

Rechassemos a proposta da Pena de Morte!

O fascismo português, prossegue na sua fúria destruidora, arruinando a nação, entregando-a aos estrangeiros, traíndo os mais sagrados sentimentos nacionais.

A corrupção, o roubo, a delação, a imoralidade, são os degraus da escada em que se sobe à direcção dos negócios públicos.

O país está a saque, e a mordada da censura já não chega para abafar uma tão extensa pouca vergonha.

A crise do carácter, o desaparecimento da dignidade e da honra dos dirigidos, faz despertar nos dirigentes a mais forte revolta, que nem as torturas na policia, nem os assassinatos, nem a vida miserável das prisões, conseguiu fazer parar. O descontentamento é geral e intensifica-se dia a dia por todo o país; os protestos são cada vez mais numerosos.

Criaram a Legião, organismo de desordem e de guerra civil que tem assassinado vários trabalhadores. Mas, como nem com a acção da Legião Portuguesa, nem com as perseguições, nem com as torturas e assassinatos da Policia de Inormações conseguiram afogar a revolta do povo português, querem ver-se, com a pena última, com o assassinato legal, conseguem o que não conseguiram com todos os crimes anteriores.

Para isso, Salazar fez apresentar na Assembleia Nacional, por intermédio do já célebre José Cabral, a proposta para ser incluída na Constituição Política a pena de morte para os que não querem colaborar e lutam contra a politica de tração nacional que orienta o fascismo português.

Para fingirem que existe alguma legalidade num país em que o livre arbítrio dos seus carrascos é a lei suprema, fizeram baixar a proposta a uma daquelas ridículas comissões técnicas da Câmara Corporativa. Mas não nos iludamos. Não contemos com a humanidade ou justiça dessa Assembleia. Lembremo-nos que ela existe, apenas, para sancionar as leis que para lá manda aquele que a criou, e foi ele, Salazar, que mandou apresentar a proposta. Só com o nosso esforço ou com a nossa luta, conseguiremos rechassar essa proposta reaccionária dirigida contra todo o povo português.

Nós conseguiremos que não seja aprovada, se todos os homens livres de Portugal, todos os que têm uma consciência bem formada, todos os trabalhadores, todos os que sofrem, todos os anti-fascistas protestarem enérgicamente contra ela.

Não esperemos que alguém tome a iniciativa. Tomemo-la

Para onde foi o dinheiro?

A Junta de Freguesia de Alcântara, distribuiu, antes do fim do Natal, uns cartões por toda a população paroquiana, pedindo dinheiro para um bode aos pobres da freguesia, que são muitos milhares.

Todos os comerciantes, industriais, todas as pessoas que não eram muito pobres, deram dinheiro, com medo de serem apontados como anti-fascistas e perseguidos.

Chegou o dia de Natal e a Junta não deu sinal de si. Os pobres ficaram à espera.

Perque não distribuiu a Junta os bodos que prometeu? Para onde foi o dinheiro?

Na camara Municipal de Lisboa

Um alto funcionário da Câmara falando da administração do município, contava os roubos e negociações que ali se fazem, com um impudor nunca visto. E comentava: «Aquilo não é uma Câmara municipal, é o pinhal de Azambuja!»

A Madeira já é alemã?

Foram editados na Alemanha, uns selos para correspondência, que representam um barco alemão com exorcionistas da «Força pela Alegria» ancorado no porto do Funchal. Hitler quer divulgar entre os alemães e no estrangeiro as belezas da nossa ilha. É um acto de gentileza para com Portugal? Não, é a tática utilizada pelo fascismo quando se quer assenhorear do que lhe não pertence. Nunca se viu em país nenhum usarem-se fotografias de territórios estrangeiros para se fazerem selos nacionais. A tática pode ser boa, mas nós protestamos contra ela indignadamente.

A Madeira não quer ser alemã.

Os fascistas nas festas da Universidade

Essas festas que se realizaram em Coimbra, foram férteis em episódios, que demonstram bem aos portugueses qual a situação internacional a que o fascismo nos conduziu.

Houve um banquete «privativo» a que só assistiram os delegados da Espanha de Franco, da Itália e da Alemanha.

E na sessão inaugural dos festejos, o delegado italiano, discursando, chamou aos estudantes fascistas que assistiam, ESPANHÓIS. E estes em vez de corarem de vergonha, rebentaram aos vivas à Itália e à Espanha.

Estarão os fascistas portugueses já convencidos que Portugal é uma província de Espanha?

nos imediatamente.

Nenhum Sindicato Nacional, Casas do Povo, Associações Académicas, Corporativas, Sociedades desportivas e culturais, nenhum deve deixar de apresentar o seu protesto!

É necessário que nenhum organismo nacional fique indiferente perante uma proposta que nos faz recuar muitos séculos na civilização!

Todos à luta contra a pena de morte!

OS PRESOS PROTESTAM

A fortaleza de Caxias, era de todas as prisões-cemitérios que o fascismo tem aberto para encarcerar os que em Portugal levantam a voz em defesa da liberdade, do pão e da independência de Portugal, era aquela em que a vida dos presos era menos aflitiva.

Mas os lacaios de Salazar não dormem. Precisavam de arranjar um pretexto para que a vida ali se tornasse tão odiosa, como a que vivem os presos do Aljube, Peniche, Angra, etc. E isso foi-lhes fácil.

Introduziram nas salas uma brigada de provocadores. Estes estimulando o naturalíssimo sentimento de liberdade, que nunca dorme dentro dum preso, organi-

zaram um grupo que preparou a fuga. No momento próprio os provocadores não apareceram, mas apareceram a polícia, que os levou para a incomunicabilidade. E os que ficaram na fortaleza sentiram que a pata de ferro do fascismo, carregava com mais força sobre as suas vidas. A comida que já não prestava passava a ser intragável. A vigilância, inquisitorial. Não se dá um passo, não se faz um gesto que não se sinta, sobre si, o olhar vesgo da polícia.

Camaradas, antifascistas, gente livre de Portugal! Protestai contra o regime de opressão e de vexame em que vivem os presos políticos!

Os caixotes do lixo

As exigências da Câmara, a propósito dos caixotes do lixo continuam a provocar a mais justa indignação em toda a população lisboeta.

Em nome da higiene, a Câmara pretende unicamente arrecadar, à custa dos habitantes da Capital, mais umas dezenas de milhares de escudos.

Se a Câmara quizesse sanear a cidade, não era pelos caixotes do lixo que devia começar; devia começar, por exemplo, por proibir a existência de fábricas insalubres, tais como a fábrica da C.U.F., em pleno centro da cidade, devia acabar com os caneiros e outros focos de infecção; devia criar, de facto, e não em palavras, bairros económicos, em substituição dos bairros da lata, que abundam por toda a Lisboa.

Um operário que por não ter 3000 para comprar calçado para os seus filhos, os deixa andar descalços, não pode, nem deve gastar 3000 num caixote de lixo, que mais tarde ou mais cedo acabará por ser roubado.

Que ninguém satisfaça as exigências da Câmara!

Boas de Deus
Se os empregados da Câmara, obedecendo às ordens superiores, se recusarem a despejar os caixotes de madeira, o que se observa já, despejai vós mesmas os caixotes no meio da rua. A Câmara será obrigada a varrer a rua.

Continuado da página 3

Continuado da página 3
mundo há homens políticos de toda a espécie. Há pessoas de quem não se pode dizer que sejam boas ou más, bravas ou cobardes; se são até ao fim pelo povo, ou se são pelos inimigos do povo. Há desta gente e há destes homens políticos. Há-os mesmo entre os bolcheviques. O próprio sol tem manchas, camaradas. (risos e aplausos) A propósito deste tipo de gente indeterminado, a propósito de gente que lembram mais filisteus políticos que homens políticos, gente deste tipo indeterminado, mal definido, o grande escritor russo Gogol disse com muita felicidade: gentes indeterminadas, nem isto nem aquilo, impossível de se saber o que são, nem BOGDAN na cidade nem SELIFANE na aldeia (risos e aplausos) Esta gente estes homens políticos indeterminados, são como se diz, com não menos felicidade no povo: gente assim, assim, nem carne nem peixe, (risos e aplausos) nem uma vela para Deus nem o forçado para o Diabo (risos e aplausos).

Eu não afirmo com toda a certeza, que entre os candidatos a deputados (peço-lhes que me desculpem) e entre os homens políticos não haja gente que se pareça com os filisteus políticos; que lembrem pelo seu carácter, pela sua fisionomia, este tipo de gente do qual o povo diz: «nem uma vela para Deus nem um forçado para o Diabo» (aplausos e risos).

O que eu desejava, camaradas, era que vós exercésseis uma influência sistemática sobre os vossos deputados; que lhe inculcásseis que devem ter sempre presente no espirito a grande figura do grande Lênine, e imitá-lo em tudo (aplausos).

O dever dos eleitores não acaba com as eleições. Continua durante a legislatura do Sóviète Supremo. Já falei do artigo que dá aos eleitores o direito de demitir antes do prazo os deputados se se desviam do seu caminho. *Par consequência, o dever e o direito dos eleitores consiste em exercer um controle permanente sobre os seus deputados e inculcar-lhes a ideia de que não devem, em caso algum, descer ao nível dos filisteus políticos; é preciso que os eleitores inculquem aos seus deputados a ideia de que devem esforçar-se por se assemelharem ao grande Lênine.*

Tal é, camaradas, o segundo conselho que eu queria dar-vos, um conselho de candidato a deputado aos seus eleitores». (Tempestade de aplausos, muito prolongados, que se tornam em ovação)

Todos os assistentes, em pé, dirigem os seus olhares para o camarote do governo para onde foi o camarada Lênine. Soam aclamações: «Ao grande Stáline, Hurra! Ao camarada Stáline, Hurra! Viva o camarada Stáline! Hurra! Viva o primeiro candidato leninista à deputação para o Sóviète da União, o Camarada Stáline! Hurra!»

Não queremos Mais Monopólios

Durante os tempos da propaganda da República; um dos assuntos mais batidos, uma das mais concretas palavras de ordem que melhor acolhimento encontrava nas massas populares, foi a de «guerra aos monopólios». O povo sentia-se esmagado pelo capital financeiro estrangeiro, e queria sacudir o jugo. A República não teve força para cumprir essa promessa, mas não fez ceder a mais nenhum. Mas o fascismo, que é a ditadura do grande capital, não só agravou os que já existiam—aumento de preço da água, do gaz, da electricidade, dos transportes; dos telefones, etc—como tem criado novos.

A cidade do Porto estava um pouco melhor do que Lisboa, porque esses serviços eram municipalizados. Mas agora, a Câmara Municipal do Porto, para se livrar das grandes dívidas que contraiu, devido à sua ruínosa administração, pretende ceder todos os serviços de utilidade pública—eléctricos, água, gaz, electricidade, saneamento—a uma empresa americana. É um monopólio que, por um lado, irá sobre-carregar mais toda a população do Porto, e, por outro, tornar impossível todo o progresso: devido ao monopólio dos eléctricos que Lisboa ainda não tem serviços de metropolitano (comboios subterrâneos) e de autobus, como têm todas as grandes cidades europeias.

É necessário que toda a população do Porto repare neste negócio que querem fazer em seu nome, e que proteste energeticamente contra o abuso que a Câmara quer cometer!

Os Judas de Cristo

Dizem que Judas vendeu Cristo por trinta dinheiros. O jornal católico «Novidades» vende-o por 12000, e com monopólio, que é como quem diz, só ele o pode vender, fazendo assim um magnífico negócio.

O caso é o seguinte:

O Ministro da Educação Nacional, esse tubarão do Carneiro Pacheco, que é director de várias companhias de que recebe muitas centenas de contos anuais, habituado a fazer grandes negociações, quiz facilitar esta ao seu jornal, visto ser ele também um fervoroso católico.

Para isso decretou que em todas as escolas fosse pendurado, sobre a secretária do professor, um crucifixo. Esse crucifixo tem que ser adquirido pelos alunos, que, por mais pobres que sejam, têm que se subscrever. Isto sabem-no os leitores do «Avante!». Mas o que não sabem é que o crucifixo tem que ser fundido em bronze e dum tamanho determinado. Os pés, em vez de serem sobrepostos, e pregados com um único prego, são unidos e pregados com dois pregos. Ora este modelo foi estudado pelas «Novidades» que registaram a patente, ficando, assim, únicas senhoras do mercado.

É assim que eles praticam o cristianismo.

Discurso de Stáline aos seus eleitores e aos povos da U.R.S.S. em 11 de Dezembro de 1937, no Grande Teatro de Moscovo

Damos hoje o texto integral deste importante discurso.

A reunião teve lugar no Grande Teatro, perante uma sala à cunha, e foi retransmitido por 45 postos de TSF às dezenas de milhares de eleitores da União Soviética.

Fala Stáline:

«Camaradas, confesso que não fazia tenção de tomar a palavra. Mas o nosso querido Nikita Sereguevitch (Khrushchev, secretário do Comité de Moscovo, do P.C. da URSS) trouxe-me, por assim dizer à força, a esta reunião.—Faz um bom discurso, disse-me ele. Mas de que queres que eu fale? Um discurso, mas sobre o quê? Tudo o que era preciso dizer na véspera das eleições, já foi dito e redito nos discursos dos nossos camaradas dirigentes: Kalinine, Molotov, Vorochilov, Kaganovitch, Yejof e muitos outros camaradas responsáveis. O que é que se pode juntar a estes discursos?»

Diz-se que são necessárias explicações sobre certos pontos da campanha eleitoral. Que explicações, sobre que pontos?

Tudo o que era preciso explicar, foi já explicado e tornado a explicar nas conhecidas mensagens do Partido Bolchevique, das J.C., do Conselho Central dos Sindicatos da URSS, do Ossoviakim, do Comité de Educação Física. O que é que se pode juntar a estas explicações?

Evidentemente que se podia fazer um discurso ligeiro, falando de tudo e de nada (risos). Um tal discurso teria, talvez, divertido o público. Dizem que há especialistas neste género de discursos, não só nos países capitalistas mas também cá, no país dos Sóviets (risos e aplausos). Mas, primeiro, eu não sou um especialista nesta espécie de discursos. E, depois, será este o momento de nos divertirmos, agora que nós, bolcheviques, temos trabalhado até à raiz dos cabelos, como se diz. Não é o momento, creio eu.

E' claro que em tais condições, não se faz um bom discurso, mas, visto que eu subi à tribuna, é preciso, pelo menos, dizer alguma coisa (vivos aplausos).

Em primeiro lugar, eu queria manifestar o meu reconhecimento (aplausos) aos eleitores pela confiança que me testemunharam (aplausos). A minha candidatura foi apresentada à deputação e a comissão eleitoral da circunscrição (Stáline) da capital soviética, registou-a. E' uma prova de grande confiança, camaradas. Permiti que vos fale do meu profundo reconhecimento de bolchevique pela confiança que testemunhastes ao Partido Bolchevique, de que sou membro, e, pessoalmente, a mim, como representante desse Partido (vivos aplausos).

Eu sei o que quere dizer esta confiança: ela impõe-me, naturalmente, novas obrigações, um acréscimo de obrigações, uma nova responsabilidade, um acréscimo de responsabilidades.

ORA BEM; NÓS, BOLCHEVIQUES, NÃO TEMOS POR COSTUME SUBTRAIR-NOS A RESPONSABILIDADE. ACEITO-A DE BOA VONTADE (tempestade de prolongados aplausos) **PELA MINHA PARTE, QUERO AFIRMAR-VOS, CAMARADAS, QUE PODEIS SEM HESITAR, CONFIAR-VOS AO CAMARADA STÁLINE.** (entusiástica ovação. Grita-se: Nós seguimos-te, camarada Stáline!) Podeis contar que o camarada Stáline saberá cumprir o seu dever para com o povo (aplausos) para com os intelectuais (aplausos).

Em seguida quero felicitar-vos, camaradas, por ocasião da festa que se aproxima a festa de todo o povo por ocasião do dia das eleições do Sóviets supremo, da U.R.S.S. (vivos aplausos) As eleições de amanhã não são apenas eleições, camaradas, são uma festa para o povo inteiro, uma festa para os nossos operários, para os nossos camponeses, para os nossos intelectuais (vivos aplausos).

NUNCA O MUNDO VIU ELEIÇÕES TÃO LIVRES E DEMOCRÁTICAS, NUNCA!

A HISTORIA NÃO CONHECE OUTRO EXEMPLO COMO ESTE (aplausos). A QUESTÃO NÃO ESTA EM QUE AS NOSSAS ELEIÇÕES SERÃO FEITAS POR SUFRÁGIO UNIVERSAL, DIRECTO, IGUAL E SECRETO, EMBORA ESTE FACTO SEJA JA' SÓ POR SI DE GRANDE IMPORTANCIA. A QUESTÃO É QUE AS NOSSAS ELEIÇÕES GERAIS SERÃO AS MAIS LIVRES E DEMOCRÁTICAS, EM COMPARAÇÃO COM AS ELEIÇÕES DE QUALQUER OUTRO PAIS DO MUNDO.

Fazem-se, também, eleições num certo número de países capitalistas que se dizem democráticos. Mas em que condições são elas feitas? Em condições de luta de classes, em condições em que os capitalistas, os grandes proprietários e outros grandes tubarões do capitalismo exercem uma pressão sobre os eleitores.

Tais eleições, mesmo que sejam gerais, iguais, secretas e directas, não podem chamar-se completamente livres e democráticas. NO NOSSO PAIS AO CONTRÁRIO, AS ELEIÇÕES FAZEM-SE EM CONDIÇÕES ABSOLUTAMENTE DIFERENTES. CÁ NÃO HA' CAPITALISTAS, NEM GRANDES PROPRIETÁRIOS, POR CONSEQUÊNCIA NÃO HA PRESSÃO EXERCIDA PELAS CLASSES POSSUIDORAS, SOBRE AS QUE NADA TÊM. AS ELEIÇÕES ENTRE NÓS FAZEM-SE EM CONDIÇÕES DE COLABORAÇÃO ENTRE OPERÁRIOS, CAMPONESES, INTELECTUAIS, EM CONDIÇÕES, DIREI, DE CONFIANÇA RECÍPROCA, DE AMIZADE RECÍPROCA, PORQUE NÓS NÃO TEMOS CAPITALISTAS, NEM GRANDES PROPRIETÁRIOS, NEM EXPLORAÇÃO E QUE NÃO HA' NINGUEM, FALANDO COM PROPRIEDADE PARA FAZER PRESSÃO SOBRE O POVO, PARA FALSEAR A SUA VONTADE.

EIS PORQUE, AS NOSSAS ELEIÇÕES SÃO AS UNICAS NO MUNDO VERDADEIRAMENTE LIVRES E DEMOCRÁTICAS (vivos aplausos).

Estas eleições livres e verdadeiramente democráticas, só poderam nascer depois do triunfo da ordem socialista, na base em que o socialismo entre nós já não está simplesmente em construção, mas já entrou na vida cotidiana do povo, nos seus hábitos.

Há dez anos poder-se-ia ainda discutir se se poderia ou não construir entre nós o socialismo. Agora a questão já não se discute. Agora é uma questão de factos, uma questão de vida real, de usos e costumes e que impregna toda a vida do povo.

As nossas fábricas e oficinas funcionam sem capitalistas. A direcção do trabalho está assegurada por homens saídos do povo é o que se chama entre nós, socialismo na prática. Os nossos campos são cultivados pelos trabalhadores da terra, sem grandes proprietários, sem kulaks. (Camponeses ricos) A direcção do trabalho está assegurada por homens saídos do povo. É o que se chama entre nós, socialismo na vida; é o que nós chamamos a vida livre, socialista.

Foi nesta base que nasceram as novas eleições, verdadeiramente livres e democráticas, eleições sem precedentes na historia da humanidade.

Como, depois de tudo isto, não vos felicitar por ocasião da festa do povo inteiro, por ocasião das eleições para o Sóviets Supremo da União Soviética? (ovações entusiásticas)

Eu queria em seguida, camaradas, dar-vos um conselho de um candidato a deputado aos seus eleitores. Nos países capitalistas, vê-se entre os deputados e os seus eleitores, originais relações. Direi mesmo, bastante estranhas relações. Enquanto dura a campanha eleitoral, os deputados flirtam com os eleitores, fazem-lhes reverências, juram-lhes fidelidade, fazem-lhes uma quantidade de promessas de toda a espécie. Dir-se-ia que os deputados dependem inteiramente dos eleitores, as relações mudam completamente.

Em vez da dependencia dos deputados para com os seus eleitores, é a sua completa independencia. Durante 4 ou 5 anos, isto é, até novas eleições, o deputado sente-se absolutamente livre, independente do povo, dos seus eleitores. Pode passar-se de um campo para outro, pode desviar-se do bom para o mau caminho, pode mesmo meter-se em maquinações pouco recomendáveis, pode dar todas as cambalhotas que quizer—é independente.

Podem-se considerar tais relações normais? De maneira nenhuma, camaradas. A nossa Constituição toma esta circunstancia em consideração e tem um artigo que dá aos eleitores o direito de demitir antes do termo os seus deputados se começam a desviar-se, se se afastam do caminho, se esquecem a sua dependencia em relação ao povo e aos eleitores.

Notável artigo este, camaradas. O deputado deve saber que é servidor do povo, seu delegado ao Sóviets Supremo, e deve manter-se no seu mandato, na linha que lhe foi traçada pelo povo. Se o deputado se desviou do seu caminho, os eleitores têm o direito de exigir novas eleições e de votar contra o deputado que prevaleceu (aplausos) Notável artigo este! O MEU CONSELHO, O MEU CONSELHO DE DEPUTADO-CANDIDATO AOS SEUS ELEITORES, E' QUE OS ELEITORES NÃO ESQUEÇAM ESSE DIREITO, O DIREITO QUE TEM DE DEMITIR ANTES DO PRAZO OS DEPUTADOS, DE VIGIAR OS SEUS DEPUTADOS DE OS CONTROLAR, E SE ELAS PENSAM DESVIAR-SE DO SEU CAMINHO, DEMITI-LOS, E EXIGIR NOVAS ELEIÇÕES. O GOVERNO TEM O DEVER DE FIXAR NOVAS ELEIÇÕES. O MEU CONSELHO E' QUE NÃO ESQUEÇAM ESTE ARTIGO E QUE SE SIRVAM DELE QUANDO FOR NECESSÁRIO.

Enfim, ainda um outro conselho de deputado-candidato aos seus eleitores. Que deveis vos, duma maneira geral, exigir dos vossos deputados, considerando apenas as mais elementares exigências?

Os eleitores, o povo, devem exigir dos seus deputados que estejam à altura das suas tarefas, que no seu trabalho não desçam ao nível dos filisteus políticos, que fiquem no seu posto de homens políticos, de tipo leninista, que sejam homens políticos tão lúcidos e tão precisos como era Lênine, (aplausos) que sejam tão intrépidos no combate, tão implaváveis para os inimigos do povo como era Lênine (aplausos) que sejam refractários a todo o pânico se as coisas começarem a complicar-se e se um perigo qualquer se mostrar no horizonte; que sejam tão refractários a toda a sombra de pânico como era Lênine (aplausos).

Quando se tratar de resolver problemas complexos que necessitem um estudo profundo, exigindo que se tenham em conta todas as desvantagens e vantagens, que sejam tão ponderados, tão estranhos a toda a precipitação como era Lênine (aplausos).

QUE SEJAM TÃO VERIDICOS E HONESTOS QUANTO ERA LENINE (aplausos); **QUE AMEM O SEU POVO COMO LENINE O AMAVA.** (aplausos)

Poderá dizer-se que os candidatos a deputados sejam todos precisamente, deste género de homens políticos? Não o direi. No

SEMANA INTERNACIONAL

Se alguém continuasse, hoje, a ter dúvidas acerca das verdadeiras intenções do imperialismo nipónico, com certeza deve perdê-las ao ler as declarações feitas à imprensa pelo almirante Suetsugu, ministro do interior do governo nipónico.

Este senhor disse, sem nenhuma cerimónia, que o seu país devia «efectivar a sua missão» — a de expulsar os brancos do Oriente e assenhorear-se da China — mesmo que isso «provoque uma conflagração geral».

Prova-se deste modo — se houvesse necessidade de provar — que o único fito do Japão na China, não é a «luta contra o comunismo», mas, simplesmente, a luta contra «os interesses mercantis dos brancos» — para empregar as mesmas palavras do referido almirante japonês — e a conquista e a pilhagem da China. O Japão sabe que isso provocará a guerra mundial, mas não se importa, porque — diz — não tem que «prender-se com preocupações secundárias». Isto é, o Japão, que faz a guerra à China, quer levar a guerra a todo o mundo.

O católico Salazar e seus acólitos sabem isto muito bem, contudo não escondem as suas simpatias pelo imperialismo nipónico. O Diário da Manhã — órgão de Salazar — teve já o cinico desceramento de afirmar que o massacre da população chinesa pelos torpedos aéreos do Japão não deviam preocupar ninguém porque isso era pouca coisa comparado com as profundas razões que inspiram o exército nipónico.

Salazar, traidor à pátria e lacão de Hitler, não se preocupa com o massacre da população chinesa por que ele mesmo quer levar o povo português a uma guerra feróz.

Enquanto o almirante japonês fazia declarações desta natureza, o Presidente Roosevelt pronunciava no Congresso palavras graves em defesa da Paz e da Democracia.

O grande homem de Estado, perante o qual os Salazares e seus patrões não são mais do que ridículos pigmeus, afirmou sem rodeios que a Paz está ameaçada pelos países fascistas. Roosevelt disse por outras palavras, que — **Fascismo é a guerra!**

Roosevelt disse mais que a Democracia é o regime das nações civilizadas, o que equivale igualmente a dizer, que: **o fascismo é a barbárie.**

Roosevelt terminou a parte do seu discurso dedicado à política externa, declarando a sua fé em que a democracia será estabelecida ou restabelecida nas nações onde ela não existe.

Se o discurso de Roosevelt não conseguiu provocar uma reacção como seria para desejar nas chancelarias dos países que vacilam em adoptar uma atitude firme em relação aos agressores, elas devem, e conseguiram, dar um novo estímulo aos povos de todo o mundo para que cerrem fileiras na sua luta pela Democracia.

Por estar composto a maior parte deste número não podemos apreciar os últimos decretos do governo, o que faremos no próximo número.

TERUEL,

CIDADE DA REPÚBLICA ESPANHOLA resiste vitoriosamente aos ataques desesperados do inimigo

Ao contrário das notícias dadas pela imprensa fascista, os republicanos não só continuam de posse da cidade de Teruel, como conseguiram dominar o núcleo de resistência dos rebeldes que se haviam refugiado no convento de Santa Clara. Durante os últimos combates, travados a alguns quilómetros de distância da cidade, os republicanos tiveram de abandonar algumas posições tais como Caudé, a 16 quilómetros a Noroeste de Teruel, e Campillo, a uns 12 quilómetros a Sudoeste. Os republicanos abandonaram, também, a aldeia de Concede, refazendo as suas linhas pouco aquém desta povoação. Muela de Teruel, ao Sul da cidade, tem sido objecto de combates violentíssimos, tendo algumas posições passado das mãos dos rebeldes e vice-versa, várias vezes.

Mas a importância das batalhas que se travam actualmente em volta de Teruel, não reside, para os republicanos, na conquista ou na perda de alguns quilómetros quadrados, de algumas aldeias ou, mesmo, da própria praça de Teruel.

Esta perda, como objectivo, a sua importância inicial. O importante consiste em que os republicanos, atraindo forças enormes do inimigo, a Teruel, desfizeram todos os planos de ofensiva que durante meses os rebeldes haviam preparado cuidadosamente.

O jornal inglês «Daily Express», bem mais próximo de Franco do que dos republicanos, escreveu a este respeito:

«Franco caiu na armadilha que os republicanos lhe armaram. Desfazendo os seus preparativos de ofensiva noutros pontos, para acudir a Teruel, as tropas de Franco cometeram o mesmo erro que em Novembro de 1936, desviando-se da marcha sobre Madrid, para ir libertar os sitiados do Alcazar.»

Este é um dos resultados fundamentais da batalha que se trava actualmente em Aragão.

Por outro lado, esta batalha — a mais encarniçada de quantas se têm travado em Espanha — veio definitivamente pôr em evidência o valor actual do Exército Popular.

A pesar do frio intenso de 18 graus, apesar da neve que nalguns pontos atinge meio metro de altura, apesar dos efectivos colossais e do forte apetrechamento do inimigo que ali se encontra (mais de 300 canhões, 3.000 metralhadoras e 100 tanques); apesar de tudo, o Exército Popular continua firmemente a defender a posição tão brilhantemente conquistada.

Com um Exército Popular tão aguerrido e tão potente e com o auxílio que deve prestar-lhe o proletariado de todo o mundo, a Espanha Republicana pode estar segura do triunfo.

Viva a Espanha Republicana.
Ajudem os gloriosos povo espanhol a triunfar!

A mentira descoberta pelos próprios autores

Acaba de ser posto mais uma vez à prova, que a mentira, mas a mentira mais descarada e impudente, é a arma predileta de Franco e de todos os seus lacaios daquém e dalem fronteiras.

Até ao dia 30 p. p. negaram sempre que Teruel tivesse sido tomada pelos republicanos. Mas no dia 31, sem a menor vergonha pelo que tinham dito na véspera, anunciaram que tinham reconquistado Teruel.

O general alcoólico dizia de Sevilha: «Os últimos ninhos de resistência: o cemitério e o Banco de Espanha, foram por nós ocupados! O inimigo resiste ainda em algumas ruas mas em geral está em fuga.»

O sésia do locutor de Sevilha, o capitão Botelho de Moniz (os espanhóis chamam-lhe com razão Botella de Aniz) — UM VALIENTE que se recusou a ir para a frente na guerra de 1914-18 — cantou também triunfo aproveitando o pretexto para dirigir insultos fáceis e cômicos, ao povo português, de microfona da Parede.

Mas vejamos os jornais de hoje, 5 de Janeiro:
Salamanca, 4 — Comunicado oficial do G.Q.G. — Libertação às 20 horas: «Continuaram hoje os combates em Villaestar e nas posições em volta de Teruel...»

Um telegrama da Havas diz:
«As tropas rebeldes formam um semi-círculo de Norte a Sudoeste de Teruel. Dos dois lados do rio Turia, as forças dispuseram-se em leque. As operações da ala direita em Villaestar a 9 quilómetros de Teruel, e Castralto, a 7 quilómetros, foram particularmente violentas...»

Em que ficamos? os fascistas reconquistaram Teruel (que nunca haviam perdido) destroçando o Exército republicano, ou limitam-se a travar combates num semi-círculo de «Norte a Sudoeste» de aquela cidade?

A experiência fornecida por todas estas mentiras deve pôr o povo português de pé atrás em relação a todas as notícias da imprensa fascista.

“UNIR”

O nosso colega «UNIR», de Paris — aderente à Frente Popular portuguesa — publicou, no seu n.º 17, um sueltito que nos suscita alguns reparos.

Diz o referido sueltito:
«DE PORTUGAL AINDA NÃO PARTIU NENHUM PROTESTO CONTRA AS PRETENSÕES HITLERIANAS.

PROTESTEM, AO MENOS, OS PORTUGUESES DO ESTRANGEIRO CONTRA A AMEAÇA QUE PESA SOBRE O NOSSO PATRIMÓNIO COLONIAL.»

Nós compreendemos os bem justificados desejos de «UNIR» de que o povo português manifeste, numa forma alusiva ao seu veemente protesto contra a venda das Colónias a Hitler.

É esse também o nosso desejo. Mas esse natural desejo não dá a «UNIR», o direito de, com justiça, esquecer que existe um Partido — o Partido Comunista — que mantém no país, uma persistente campanha — entre outros meios por intermédio do seu órgão semanal «AVANTE!» — contra a venda das colónias e contra a colonização de Portugal.

A primeira vista poderá parecer que «UNIR», ao dizer Portugal, tivesse querido dizer «governo português» mas não é verdade que «UNIR» cometesse a falta de indentificar o governo português com Portugal.

Os motivos deste esquecimento de «UNIR» deve ser os mesmos que têm levado o nosso querido colega a fazer uma autêntica conspiração de silêncio em volta da nossa existência e actividade, mesmo quando transcreve passagens de alguns documentos nossos, o que faz escondendo, cuidadosamente, a origem.

Uma tal atitude só seria compreensível se se tivesse em vista demonstrar que a Frente Popular Portuguesa existia... sem Partido Comunista.

Mas isso seria um absurdo, em primeiro lugar inútil porque todos sabem que não pode existir Frente Popular sem Partido Comunista; em segundo lugar, contraproducente, porque o Partido Comunista, pela ininterrupta actividade que desenvolve no país, é o Partido de mais larga autoridade entre as massas trabalhadoras de Portugal, e estas são o eixo da Frente Popular.

Mais uma prova de traição

Continuado da pag. x

Se não lutarmos energeticamente contra este estado de coisas, dentro de pouco tempo não haverá uma única fábrica em laboração, o que representa a maior miséria para muitos milhares de operários.

Ontem, fizeram a negociação das amendoadas, vendendo as espanholas como se fossem portuguesas; hoje, é a cortiça e daqui a dois dias serão as conservas, depois o vinho e todos os produtos que ainda representam riqueza nacional, serão perdidos na voragem a que o fascismo nos arrasta. Lutemos todos pela Independência de Portugal!

Salvem Portugal da tutela do fascismo internacional!